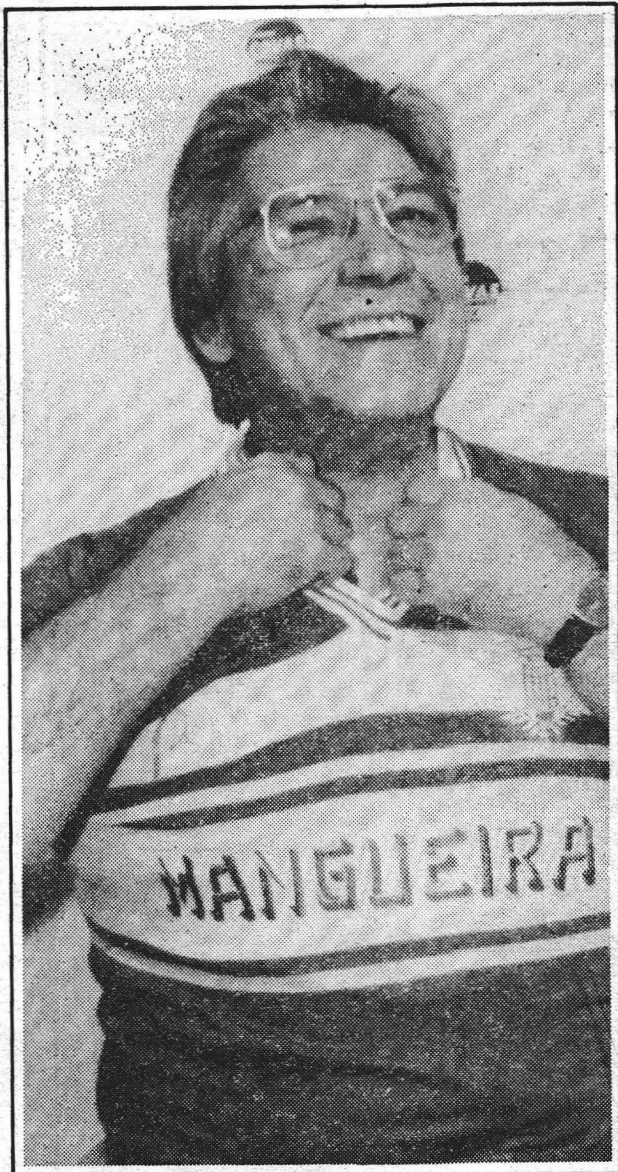




Covas, na favela: a luta para ser popular

Covas

Um ídolo quase invisível

Ana Miranda



A imagem de um homem sereno aparece na televisão. É Mário Covas.

De dentro de um estúdio, dirige-se a nós como um pai bondoso. Usa terno escuro. Tem uma voz grave e murmurada. Seus cabelos são bastos, bem penteados, grisalhos. Os lábios esboçam sorrisos de um homem consciente do seu papel de profeta do irremediável. Os olhos, detrás de lentes bifocais, movem-se com agilidade. Expressam uma mente obstinada, inteligente, de grande capacidade mnemônica e numérica, cheia de memórias dolorosas, solidão. Não a solidão dos homens que se afastaram dos outros, mas a dos que sofrem no meio deles. A dor parece vir do conhecimento das vicissitudes que terá de enfrentar, de ser o alvo dos sonhos praticados pela multidão que o

assiste. Imagens oníricas que ele ajuda a elaborar, magoado, embelezando a ficção do absurdo.

A imagem do político Mário Covas conserva um frescor juvenil, resquício do menino apelidado de Zuza, fanático torcedor do Santos Futebol Clube e que, predestinado, brincava de prefeito no quintal de sua casa. Filho de um próspero exportador de café, viveu a infância preservado de problemas financeiros. Mas a vida como químico industrial e engenheiro civil foi dura, marcada pela tragédia da perda de uma filha de dezoito anos num acidente. A seu lado, apoiando-o, Covas teve sempre a bela Lila, namorada desde a juventude, numa elevada e íntima relação com a deusa feminina que o guiou nas andanças e lhe dedicou o poder espiritual de mulher inspiradora. A vida pública de Mário Covas iniciou-se na prefeitura santista, com a reconstrução de casas no morro do Marapé, bairro pobre encravado na periferia da cidade portuária. Teve uma carreira política conturbada, de lutas dramáticas, prisão, cassação, persistência, frustrações, até se tornar o político mais votado do Brasil.

Surge então na tevê a imagem de Mário Covas em campanha, no meio do povo, de mangas arregaçadas, suado. A campanha política pode ser comparada a uma guerra. A guerra é incompatível com a justiça, é quando as virtudes se tornam vícios. A campanha obriga a uma hipocrisia moral; é preciso se dizer belas frases, adular a massa, entregar-se às suas paixões. Mário Covas sabe que não poderá salvar sozinho seu país. Sabe que a política é uma aventura no mundo do imprevisível. Que os heróis arruinam os povos. Mas é preciso encarnar a imagem de herói, personificar o delírio

do exorcismo, atacar. “Esse não é meu estilo”, ele diz.

Como espírito fino de ilhéu, Mário Covas tem aversão à apoteose. Os aplausos e a banalidade o incomodam. É um homem sensato, um ídolo quase invisível. A multidão gosta do paroxismo das novelas, oferece-se de pasto aos conquistadores que prometem paraísos e atraem calamidades. Mário Covas tem as maneiras de um homem honesto. A honestidade não seduz as multidões; só o fulgor da vulgaridade e o escândalo da degradação as têm divertido e encantado. Mas nas conversas com o povo simples e trabalhador, Covas tenta conquistar seus corações demonstrando afabilidade, prudência, tato político e um instinto preciso de suas necessidades.

Considerado o candidato mais bem preparado para exercer o cargo de presidente do Brasil, Mário Covas chega ao final do programa com ar cansado, despenteado, como se estivesse sendo arrastado pelos cabelos rumo a seu destino, da mesma maneira que Habacuc foi levado à Babilônia. Ele dirige um último olhar à câmera, como se perguntasse a cada um de nós: você conhece o peso da herança? Conhece a grandeza do perigo? Sabe a gravidade da decisão que vai tomar?